

por alimentá-los e realizar tarefas somente afeitas a técnicos muito experientes.

— Não poderia vê-la agora?

— Para o seu próprio bem, esse reencontro se dará na hora oportuna. Espere um pouco mais.

— E quanto a mim? O que farei pela minha paz?

— Um futuro de esperanças o aguarda. acredite em Doutor Inácio, na sua experiência, e confie-lhe o seu coração.

— Farei isso.

— A propósito, Marcondes – interferiu Selena que acompanhava tudo atentamente – dentro de alguns dias visitarei o meu grupo espírita em companhia de Doutor Inácio e Dona Maria Modesto.

— Aquela senhora no vídeo da cirurgia? – indagou Marcondes.

— Ela mesma. Estou exultante com a oportunidade!

— Fico feliz por você, Selena. Pelo visto, seus caminhos como espírita não foram tão infelizes quanto aos meus!

— Tive minhas lutas, mas encontro-me em paz.

— Fico pensando, se tivesse a coragem de confessar meus segredos...

— Pegando um gancho nessa fala de Marcondes, professor, esses segredos estão sendo muito comuns entre os amigos espíritas? – interferiu Selena.

— Fale por você, querida amiga!

— De minha parte, creio ter sido sempre muito transparente.

— Nem sempre isso vem ocorrendo. Infelizmente, o movimento espírita está tomado por uma crise epidêmica.

— Crise epidêmica?! – mostrou-se curiosa a dirigente.

— A mesma que atacou Marcondes.

— Que epidemia é essa? – manifestou Marcondes.

⁽¹⁾ Apocalipse, 20:12.

II

Visão Ampliada

“Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis.”

Tiago, 5:16

— Você foi vítima da epidemia de sigilo – destacou o professor.

— Epidemia de sigilo?...

— É a atitude de conveniência que sustenta uma espécie de acordo de omissão coletiva. Fenômeno sutil da vida interpessoal. Uma vez assumidas as responsabilidades doutrinárias, seja em que nível for, muitos companheiros têm confundido quantidade de tarefas com elevação espiritual. Assumem cargos, varam os anos em experiências e sentem-se enormes, grandes em espiritualidade, refletindo velhas tendências religiosistas dos prelados de outros tempos. Evidentemente, quem aparenta grandeza espiritual tem que mantê-la, por isso evitam tratar a qualquer tempo sobre as lutas interiores que, segundo imaginam, os diminuiriam no conceito coletivo da seara – grave ilusão! Não dispendo de franqueza suficiente para tratar de seus conflitos íntimos com naturalidade, emudecem quaisquer referências às tormentas pessoais e deixam de ser sinceros consigo e com os outros. Passam a vida mantendo aparências de iluminação e deixam

de cuidar de assuntos essenciais para seu equilíbrio e sua felicidade, nutrindo infundado receio de perderem a autoridade que supõem possuir.

O dirigente ruborizou-se ante a fala do professor. Seu ímpeto foi utilizar a rispidez ante o incômodo na intimidade. Apesar do impulso, recobrou a lucidez e resolveu indagar:

— Estamos evitando dialogar sobre nossas necessidades profundas? É isso?

— Exatamente. Fala-se muito sobre o que se deve fazer nos ambientes doutrinários, mas não tem havido o espaço desejável para tratar e sanar os conflitos pessoais, as angústias ocultas. A vergonha e a culpa têm afastado muitos corações bem intencionados da atitude de lealdade consigo próprios. Escasseia a honestidade emocional, a transparência nas relações. Pense por você mesmo e reflita se não deixou de tratar temas que lhe oneravam as emoções, no terreno secreto de sua mente aflita e sobrecarregada!...

Bastou que o abnegado servidor mencionasse semelhante questão, e a mente de Marcondes enveredou por vastos assuntos que não teve coragem de dividir com ninguém, enquanto no corpo. Agora, inevitavelmente, teria que olhá-los de frente, acrescido do prejuízo de ter perdido o tesouro do tempo para solucioná-los na vida física. E, como se o professor ouvisse as mentalizações do interlocutor, arrematou:

— Dificilmente o homem na Terra assume a tarefa sacrificial de sua transformação definitiva para melhor. Os aprendizes espíritas não escapam dessa situação. Avançam lentamente no escaldante terreno da melhoria espiritual. O cerne da proposta da doutrina é o desafio, por vezes doloroso, de resgatarem-se através da realização do auto-encontro. Nesse circuito fechado de sigilo, acerca de questões essenciais do auto-aprimoramento, estabelece-se um exagerado dimensionamento dos problemas e passam a imaginar consigo

mesmos: “Se as pessoas soubessem o peso de minhas provas!...” Assim, julgam-se sob severos carmas e penetram nos escaninhos da autopiedade, carcomidos pelo cansaço, cedendo à pressão de condutas de fuga e desvario em lamentável desculpismo. Através de mecanismo defensivo, desenvolvem a crença de atenuamento dos débitos, ante a proporção imaginária que acalentam sobre a extensão de suas expiações. E terminam por encontrar, nas tarefas doutrinárias, a sua penitência de remissão no alívio das culpas. Por fim, assumem “dupla personalidade”, em crescente incoerência com os princípios renovadores da doutrina. No silêncio que se mantém junto a seu grupo doutrinário, encontramos o que podemos nomear como solidão em equipe, uma verdadeira prova voluntária e perniciososa ao crescimento de todos.

— Poderíamos chamar essa postura de hipocrisia? – intercedeu Selena com curiosidade.

— Em alguns casos, encontramos a mentira intencional. No entanto, esse processo tem se tornado uma questão cultural. Um remanescente do religiosismo que impera nas mentes. Assumem-se valores exteriores como sinônimos de santidade na alma. São os velhos costumes hierárquicos enraizados no psiquismo humano.

— Isso estaria ocorrendo também nos campos da administração do movimento espírita? – indagou Selena, que guardava muitas mágoas no assunto.

— É um mal da comunidade doutrinária que tem atingido larga fatia dos seareiros. Precisa ser debatido e extirpado. É esperado que as células do Cristianismo Restaurado imitem a Casa do Caminho no cultivo da franqueza edificante. As atividades sagradas do movimento espírita têm sofrido com intensidade dessa epidemia. O sentimento tem sido uma moeda de pouco ou nenhum valor nas iniciativas administrativas, quase sempre recheadas de formalismo e cerimoniais, calando enriquecedoras idéias que

vertem do Mais Alto que seriam temperos de revitalização do afeto, da solidariedade e da concórdia.

— Além da ausência de sinceridade, haveria outro efeito nocivo dessa atitude de omissivo silêncio sobre nossas mazelas? – continuou a dirigente com sua perspicácia.

— O prejuízo mais nocivo dessa postura coletiva se verifica no campo íntimo daqueles que se acostumam com tais convenções, porque se adaptam a um processo doentio de negação dos sentimentos, em contraposição aos alvitreiros claros da consciência. Semelhante quadro da vida mental, embora seja muito comum entre os homens, opera desagradáveis desarmonias no campo psíquico e torna-se um pasto fértil para a obsessão pacífica e sutil, como você terá oportunidade de verificar em suas futuras atividades de visitação fraterna neste Hospital. Para os espíritas, iluminados com o clarão das verdades imortais, o desafio é ainda maior, considerando a extensão dos apelos expedidos pela consciência.

— De minha parte, só posso defender-me, porque não tive em quem confiar! – afirmou Marcondes com profundo tom de lamento.

— Confiança, amigo querido, é virtude que se constrói.

— Bem que ansiei por alguém para me ouvir confessar! Porém, como confiar segredos e perder a autoridade perante os companheiros?

— Que autoridade, Marcondes?!

— A autoridade da experiência.

— Amigo, existem dois tipos de homens. O homem experiente, aquele que edifica habilidades no esforço nobre e perseverante em favor de seu crescimento. Existe também o homem sábio, aquele que aprendeu a fazer uso da sua experiência pelo bem da maioria. Muitos de nós apegamo-nos ao histórico de serviços prestados na seara, enredamo-nos em desprezível atitude de onipotência.

— Estará afirmando, professor, que devemos negar o que já aprendemos? Igualar-se a quem sabe menos? Isso é falsidade em meu entendimento.

— Desapego da folha de serviço não implica negar a bagagem. O que importa é não transformá-la em troféu de presunção. Ninguém e nenhum grupo, a pretexto de abafar o individualismo, deverão proceder em campanha ao descrédito ou indiferença dos mais vividos. De quem mais tem mais se espera. Espera-se apenas mais comprometimento, humildade e melhor uso do tempo... Essas são algumas expressões de autêntica grandeza moral, quase sempre esquecida.

— Mas como ficam os baluartes consagrados da coletividade espírita nesse enfoque?

— Um dos traços mais claudicantes para os alicerces da regeneração espiritual da Terra é a consagração irrestrita de expoentes da cultura, médiuns ou organizações espíritas históricas. Observa-se um pernicioso e sutil costume em nossa seara de conferir regalias aos mais experientes por parte dos que os amam e a nociva atitude de líderes em se julgarem credores de tais oblações. Poucos são os que desenvolvem a criatividade que lhes enseje abdicar das imagens idólatras sem ferir a admiração alheia. Ninguém necessita negar ou repudiar o reconhecimento e a consideração alheia. A questão é dos excessos decorrentes do hábito humano de entronizar “pequenos deuses” em seu caminho com os quais anseia contar para fugir ou abrandar o volume de suas próprias lutas.

A conversa fluía espontânea quando Selena, que absorvia os ensinamentos do professor, resolveu participar novamente:

— Este Hospital atende a alguma especialidade no tratamento dessa epidemia de sigilo?

— Temos desenvolvido técnicas terapêuticas com esse fim. Oportunamente, vocês participarão desses encontros

salutares com Dona Maria Modesto na “*tribuna da humildade*”. Uma ocasião de tratar abertamente sobre suas lutas mais íntimas. Um confessionário público...

— “E no seu aspecto mais abrangente, qual o objetivo dessa casa? – replicou a companheira, ampliando os horizontes da conversa.

— Problemas da mente e do ser, as dores da alma. Tratamos as diversas alienações nas quais, comumente, envolvemo-nos em desafios da vida corporal.

— Se este nosocômio atende a problemas com alienação, posso inferir que estou enquadrado como um doente mental conforme já me disse o humorado Doutor Inácio? – indagou Marcondes.

— A doença mental, para os planos espirituais, tem dimensão infinitamente versátil. Seu quadro pode ser considerado como um transtorno mental não classificado nas fileiras humanas da ciência. Chamamo-lo de *auto-suficiência espiritual*. São delírios de supremacia evolutiva que nos levam acreditarmos ser quem não somos, conduzindo a uma recusa crônica do afeto espontâneo. Essa ação mental gera um desastre de proporções incalculáveis no sistema da afetividade no qual se encontram as autênticas matrizes daquilo que somos. Um enquistamento prolongado no personalismo, seguido de bloqueios do afeto. Tudo começa no orgulho – doença mental original – atingindo o sistema afetivo da criatura, deixando-o aos frangalhos em razão da rejeição infligida aos impulsos do coração. O orgulho é o sentimento de superioridade pessoal refletido no estado mental em forma de ilusões. É a maneira desenvolvida pelo nosso egoísmo para camuflar a realidade do que somos, a fim de vivermos a fantasia do que gostaríamos de ser. Em palavras singelas, é o uso do cérebro com negação dos sentimentos.

— Terei negado a minha própria realidade durante a reencarnação, é isso?

— Tomou contato superficial e insuficiente com sua verdade pessoal.

— Pelo simples fato de negar sentimentos?

— Não é tão simples assim!

— Por quê?

— A maioria dos habitantes no corpo vive suas relações dessa forma.

— Posso concluir, então, que todos que conhecem a doutrina passarão por dramas como o meu?

— Formou-se no mundo físico a cultura de que certos sentimentos são traços de fraqueza, sendo rejeitados a pretexto de manter uma imagem, um padrão, uma fachada. Porém, se não pulsarem para fora, haverão de pulsarem para dentro, ocasionando lesões afetivas profundas. Enquanto no corpo, semelhantes lesões podem ser percebidas através de manifestações sutis e perfeitamente controláveis no campo mental. São os súbitos remorsos que brotam na tela mental. Raramente, admitimos aferi-los com lealdade, desconsiderando-os com total repúdio. Assim, de negação em negação, o equilíbrio do campo afetivo é perturbado, reduzindo a sensibilidade para o exterior, entronizando em seu espaço a personalidade institucional, ou seja, um amante de formalidades evoluindo para o perfeccionismo. Depois da morte, semelhantes “pulsões” não são mais controláveis, vindo a eclodir-se nos mais variados quadros, dependendo da gravidade alcançada nos recessos da consciência. Daí surge o monoideísmo, as fixações mnemônicas, o sono prolongado, o coma mental, o estado confusional da ideação, a ausência de controle sobre o pensar, os remorsos depressivos, o escoamento da matéria afetiva bloqueada e muitas outras formas de manifestações íntimas cuja melhor definição é a auto-obsessão em nível severo, exigindo cuidados e terapêuticas muito específicas.

— Em meu caso, qual desses quadros reflete com mais

exatidão o que passei?

— O arrependimento tardio, isto é, o remorso. Sua dificuldade em desligar-se de certas lembranças que o incomodam são situações conflitantes adquiridas na Terra e das quais não se livrou até agora pelo autoperdão. Tais lembranças, em verdade, são núcleos catalisadores de velhas pendências não resolvidas em remotas existências carnis.

— Então, se entendi corretamente, ao recusarmos sentir o que sentimos, provocamos lesões?

— Tudo depende de como se trabalha internamente com esses sentimentos e de suas origens nas pregressas experiências corporais. A negação sistemática dos impulsos de amor ao próximo, tido muitas vezes como romantismo dispensável, quase sempre significa estacionamento da inteligência afetiva e doença para a alma. É o mesmo que deixar de olhar para si mesmo, porque o sentimento é o espelho da consciência no templo do Espírito. Algumas vezes, essa negação é milenar, razão pela qual alcança níveis de enfermidade grave.

— Temos então uma inteligência afetiva?

— Temos várias inteligências, e o homem do futuro vai descobri-las através dos caminhos científicos. Nas academias científicas do mundo, alguns experimentos estudam as *múltiplas inteligências* do ser, podendo ser mais bem exploradas para a felicidade e a paz interior nos rumos do progresso. Apesar dessas conquistas, o homem apenas arranha semelhante tema.

— E meu arrependimento durante a doença no corpo não valeu de nada?

— Teve enorme valor. Mas não foi arrependimento, e sim remorso.

— Que diferença existe?

— Remorso é tortura, arrependimento é libertação. A culpa e o desejo de melhora são os termômetros do remorso.

O arrependimento completo tem três ingredientes: o desejo de melhora, o sentimento de culpa e o esforço de renovação.

— E o que me falta nessas etapas?

— Falta-lhe agora aprender a se perdoar para que seu remorso na carne seja um caminho de paz para sua vida interior. Allan Kardec, estudando a comunicação de um criminoso arrependido, teve o ensejo de destacar: "*O Espírito só compreende a gravidade dos seus malefícios depois que se arrepende.*"⁽¹⁾

— Poderei conseguir esse estágio neste plano de vida?

— Conseguirá em larga escala. Um dia, entretanto, pedirá o retorno ao corpo para consumir suas conquistas.

— Esta doença de *auto-suficiência espiritual* tem atingido muitos espíritas? – indagou o dirigente como quem ainda não tinha perdido o costume de transferir a curiosidade para os problemas alheios.

— Os espíritas falam bastante nos lugares exteriores para depois da morte. Colônias e umbrais são descritos com minúcias. No entanto, o estudo das repercussões íntimas e a relação com a consciência deveriam ser mais estudados e mensurados para dilatar as concepções humanas em torno da morte. A morte nos devolve a nós mesmos longe das ilusões impostas pela matéria. É justo nos despojemos primeiro dos pesos inúteis que carregamos para, somente depois, promovermos a ascensão pessoal com maior leveza mental – respondeu o professor levando o aprendiz a voltar a atenção a si próprio.

— E como ficam meus esforços? Embora não tivesse o hábito de uma análise minuciosa, julgava sinceramente estar pronto para a morte em razão da missão a mim confiada!

— Os amigos espíritas precisam vigiar com muita cautela o fascínio que têm votado a suas folhas de serviços. Bastas vezes confundem quantidade de tarefas e realizações com ascensão evolutiva, como se fizessem carreira na

espiritualização. Muitos corações de ideal, em todas as atividades doutrinárias, têm passado pelas tarefas sem se educarem através delas. E quanto mais expressivas e coletivas são elas, mais aumentam os riscos de vaidade e tropeço. Temos, nessa casa de recuperação, vastos pavilhões de médiuns, divulgadores, escritores, evangelizadores da juventude, presidentes de centros espíritas, dispensadores da caridade pública. Todos abençoados com as luzes da Doutrina Espírita, entretanto não conquistaram sua luz própria. Engrandeceram-se no orgulho com a cultura e a experiência das práticas e negligenciaram o engrandecimento moral de si mesmos, através da reeducação dos hábitos e da aquisição de virtudes eternas. É um engano milenar da ilusão humana ainda afeiçoada a vantagens exteriores, sem a consolidação dos ensinamentos cristãos no próprio coração. Como disse o Senhor: “*O Reino de Deus não vem com aparência exterior.*”⁽²⁾

— Sinto-me como se meu esforço fosse em vão! Quanta renúncia, quanta devoção! Para que tanto trabalho no plano físico?

— Não existe esforço sem valor. Convenhamos, no entanto, o trabalho doutrinário, para boa parcela de nossos companheiros de ideal no plano físico, tem sido apenas medida defensiva contra o tempo mal usado, evitando maiores deslizes ou problemas desnecessários...

— Experimento diante de suas colocações uma enorme sensação de perda de tempo!

— Quando você tiver acesso às suas vidas progressas, terá como dimensionar com melhor juízo os passos vitoriosos de sua existência recém-finda. O fato de não ter realizado tanto quanto podia, não lhe tira os méritos que são múltiplos e valorosos. Todavia não posso deixar de lhe advertir que raríssimos são os corações que chegam por aqui sem essa sensação de tempo perdido... A vida física impõe-nos muitas

miragens sobre nossos mais profundos anseios. Nossas pretensões pessoais são muito sutis algumas vezes. Ainda teremos uma senda muita longa de educação com os reflexos do personalismo na esfera do coração.

— E porventura terei algum julgamento aqui neste Hospital acerca de minhas falhas?

— Absolutamente! Tudo é misericórdia, trabalho, recomeço e preparação. Chegamos, muitas vezes, a discutir as fichas reencarnatórias dos pacientes sempre com o propósito de amparar-lhes, da melhor forma possível, os objetivos de crescimento e paz definitiva.

— E qual será o tratamento para a minha enfermidade aqui na vida espiritual?

— Comece com a humildade em aceitar suas falhas com plena disposição de repará-las o quanto antes. Muitas almas vinculadas ao Espiritismo revoltam-se com os resultados de sua vida física ou continuam mantendo-se iludidas sobre suas falhas. Isso lhes adia em muito a recuperação; algumas vezes, chegam a reencarnar quase da mesma forma que desencarnaram. Toda revolta será injusta nesse passo. Precisamos convir, só colhemos o que plantamos conforme nossas obras.

Marcondes renovava com rapidez o seu estado espiritual. A curiosidade tomava o lugar da prepotência e da pseudo-sabedoria. Sua visão, depois de décadas de cultura espírita no cérebro, dilatava-se sob impulso do afeto, do desejo sincero e despretenso de aprender. Sua alma abria-se para a vida, sua sede de saber voltava-se para o autoconhecimento, tão desprezado ao longo de sua reencarnação. Novos dias de luz o aguardavam na nova caminhada. Pouco mais de trinta dias no Hospital Esperança havia lhe valido anos a fio na absorção íntima do sentimento de imortalidade.

A nova dimensão permitia-lhe devassar um mundo novo de leis e acontecimentos. Mais sensível e introspectivo

em relação à Verdade, o experiente dirigente era espontaneamente convocado, igualmente, a um mundo novo de sensações e emoções.

Nem sempre, chegar a locais de refazimento e educação na erraticidade é indício de sossego interior. Marcondes, na medida em que alargava a visão, desenvolvia a angústia pertinente à esmagadora maioria dos que deixam o corpo perecível. Uma aflição tomava o lugar da arrogância. Assaltado pelas horas vazias, logo lhe foi indicado o trabalho como medicação inadiável em favor de sua paz. Seguindo orientações bem encadeadas, passou a integrar as equipes de colaboradores operosos do nosocômio.

⁽¹⁾ Lucas, 17:20.

⁽²⁾ *O Céu e o Inferno*, 2a. parte, capítulo VI.

12

Nossas Obras

“Será por influência de algum Espírito que, fatalmente, a realização dos nossos projetos parece encontrar obstáculos?”

“Algumas vezes, é isso efeito da ação dos Espíritos; muito mais vezes, porém, é que andais errados na elaboração e na execução dos vossos projetos. Muito influem nesses casos a posição e o caráter do indivíduo. Se vos obstinais em ir por um caminho que não deveis seguir, os Espíritos nenhuma culpa têm dos vossos insucessos. Vós mesmos vos constituís em vossos maus gênios.”

O Livro dos Espíritos, questão 534.

Selena, por sua vez, aguardava com ansiedade o momento de sua visita ao centro espírita que dirigiu na cidade mineira. Sua visita à reunião de transferência da diretoria seria sua primeira excursão ao plano terreno. Ali a vida a esperava com preciosas lições...

Antes de partirem, Dona Modesta sentenciou—lhe:

— Filha, como te sentes ante a perspectiva da visita?

— Apreensiva. Estranha-me a minha reação, pois, até então, outra coisa não desejava senão fazer essa visita. Agora, parece-me que o peito carrega uma dor, uma angústia. Muito estranho!...

— Seus sonhos, como têm sido?

— Tenho sonhado muito com Angélica, minha